

Formação Docente e Práxis Pedagógica: narrativa de uma professora

Scarlett O'hara Costa Carvalhoⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O objetivo do trabalho é compreender as divergências e congruências no magistério em instituições pública e privada de ensino a partir da trajetória de vida e formação profissional de uma professora da Educação Básica, que tem experiência de ensino nessas instituições. Por intermédio da metodologia da história oral temática, foi realizada uma entrevista gravada, transcrita, textualizada e validada. Questionou-se quais as divergências e congruências da atuação no magistério em instituições particular e pública de ensino? Constatou-se que a professora não concebe a ideia de formar um pedagogo apenas com teoria, sem que este tenha vivenciado a prática. Ela acredita que a formação da graduação tem que melhorar e que deve estar mais voltada para a práxis. Por fim, esse estudo teve o intuito de proporcionar reflexões e debates acerca da formação docente, bem como da práxis pedagógica.

Palavras-chave: Formação Docente. Práxis Pedagógica. Educação.

Teacher training and Pedagogical Praxis: a teacher's narrative

Abstract

The objective of the work is to understand the divergences and congruences in teaching in public and private educational institutions from the life trajectory and professional training of a Basic Education teacher, who has teaching experience in these institutions. Through the methodology of thematic oral history, a recorded, transcribed, textualized and validated interview was conducted. It was questioned what are the divergences and congruencies of the teaching experience in private and public educational institutions? It was found that the teacher does not conceive of the idea of training a pedagogue with theory alone, without having experienced the practice. She believes that undergraduate training needs to improve and that it should be more focused on praxis. Finally, this study was intended to provide reflections and debates about teacher training, as well as pedagogical praxis.

Keywords: Teacher training. Pedagogical Praxis. Education.

1 Introdução



O objetivo do trabalho é compreender as divergências e congruências no magistério em instituições pública e privada de ensino a partir da trajetória de vida e formação profissional de Ana¹, uma professora da Educação Básica, que tem experiência de ensino tanto na escola pública quanto na privada. Tais instituições, apesar de trabalharem com público semelhante em quantitativo de alunos em sala de aula e idades, demonstram realidades distintas no que diz respeito ao exercício profissional. Diante disso, questionou-se: Quais as divergências e congruências da atuação no magistério em instituições particular e pública de ensino?

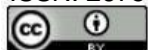
Ana foi escolhida como sujeito da pesquisa porque participava do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID contribuindo para formação de futuros pedagogos, além de possuir vasta experiência docente na rede pública e privada de ensino, lecionando há mais de 15 anos para alunos de 3 a 12 anos de idade, etapa de atuação do Pedagogo, que é habilitado para o ensino na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental – primeiro ao quinto ano. A referida professora foi acessível e estava apta a compartilhar um pouco de sua prática docente com ênfase nas divergências e congruências entre o ensino ministrado na rede pública e particular no município de Fortaleza.

Dessa forma, o artigo está subdividido nesta introdução, em que é explanado o objetivo do estudo assim como a problemática; seguido pela metodologia em que é apresentado o tipo de estudo, abordagem metodológica e os aspectos éticos; na seção resultados e discussão a pesquisa traz a narrativa da professora e por último, nas considerações finais é retomado o problema de pesquisa buscando respondê-lo sucintamente.

2 Metodologia

Buscando investigar uma realidade microssocial de uma única professora, o estudo aqui apresentado se apropria da abordagem qualitativa amparada em Minayo

¹ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora entrevistada.





(1994), e do estudo de caso descrito por Gil (2002) e Yin (2001), que utilizou a história oral temática como metodologia de coleta e análise de dados e foi realizada com uma professora de uma escola pública do município de Fortaleza.

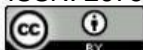
Por intermédio da metodologia da história oral temática, foi realizada entrevista, gravada, transcrita, transcriada e validada, possibilitando a análise biográfica nas suas interfaces com o contexto sociocultural (FERREIRA, AMADO, 2006).

A professora autorizou a entrevista mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que apresentava os objetivos da pesquisa, participação voluntária, possibilidade de desistência a qualquer momento, forma de divulgação dos resultados, dentre outros aspectos éticos.

3 Resultados e Discussão

Ana começou a participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID em março de 2014. Teve uma primeira seleção na escola em que trabalhava, mas ela não se inscreveu porque não sabia como funcionava o projeto e pensava que iria tomar muito o seu tempo, como ela ainda tem um filho pequeno, preferiu não fazer a seleção. Quando teve uma segunda seleção, por indicação de uma professora, resolveu se inscrever e quando viu a proposta do projeto, identificou-se imediatamente. Ela sempre gostou muito da área de formação docente e essa foi uma ótima oportunidade. Ressaltou ter as melhores expectativas em relação ao projeto e o desejo de contribuir com o grupo envolvido no intuito de fazer com que as bolsistas que a acompanham se apaixonem por essa área, assim como ela.

Aos 35 anos, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e pós-graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade 7 de Setembro - FA7, Ana apresenta rica possibilidade de contribuição com a formação docente de jovens que se preparam para ingressar no magistério, já que vivenciou muitos anos na condição de docente, experimentando as nuances pertinentes ao ensinar e aprender (GENÚ, 2018) na rede pública e privada de ensino. Tais instituições de ensino, apesar de trabalharem





com público semelhante em quantitativo de alunos em sala de aula e idades, demonstram realidades distintas no que diz respeito ao exercício profissional como será discutido a posteriori.

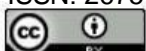
Ana vivenciou várias experiências no mundo escolar, desde sua infância até a juventude, o que interferiu na sua escolha profissional, no seu constituir-se professora, assim como na atuação docente (SOUSA; MARQUES, 2019) Nesse sentido, é pertinente iniciar com as memórias de Ana quando criança. Sobre sua infância, relata:

Eu nasci em Fortaleza, minha infância inteira foi toda aqui. Sempre estudei em escola particular, de bairro, desde pequena. Morava com meus pais, fui filha única até os 10 anos. Apesar de morar na Aldeota, bairro agitado da cidade, era em uma casa com quintal, era tudo diferente do que é hoje. Era perto dos avós, bisavós, minha tia morava em frente, a gente andava de bicicleta, a pé, e não tinha esses perigos de hoje.

Ao lembrar sua infância, Ana compara com os dias atuais. Quando sua mãe teve sua irmã, Ana já estava em outra fase na escola. Já na adolescência, sempre participou de feira cultural, semana de artes, era líder de sala e ajudante do dia, participava de festa junina, festa de natal, apresentação, enfim, tudo que pudesse, estava envolvida. Esses eventos escolares criaram possibilidades de integração e desenvolvimento pedagógico de Ana, em relação a isso Padilha (2002), nos diz que as festas são compreendidas como:

(...) momentos de descontração, de alegria, de encontro e de resgate da cultura popular, que podem se traduzir em atividades potencializadoras de processos altamente pedagógicos. As festas podem favorecer, por exemplo, um trabalho contínuo de avaliação e de reconstrução do próprio projeto de vida, de escola, de cidade ou de sociedade da equipe escolar, que é convidada a refletir e a observar as diferenças pessoais, grupais ou institucionais ali presentes (...).

Ana não foi só uma criança de estudar, teve uma infância muito feliz e a escola era, realmente, sua segunda casa. Sua mãe apesar de trabalhar o dia inteiro em comércio, nunca precisou verificar suas atividades. Quando ia assinar o boletim, já sabia os resultados. Quando Ana entrou no ensino médio, ficou de recuperação pela primeira vez, em matemática. Ao chegar em casa chorando, queria se matar, e seu pai a dizia:





“minha filha, mas todo mundo fica de recuperação, isso não é tão ruim.” Ana nunca teve nenhuma reprovação, até porque seus pais faziam o maior esforço para poder pagar a escola e ela sempre lembrava isso. Sempre queria dar orgulho aos seus pais. “Lembro com muito carinho da minha infância, procuro passar para os meus alunos e para o meu filho. Como eu tive uma professora inesquecível, eu quero ser a professora inesquecível para eles, um exemplo mesmo”. Esse pensamento de Ana é uma reflexão significativa da sua prática docente (JUNGES; KETZER; OLIVEIRA, 2018)

Aos 16 anos, Ana foi para outro colégio, para poder se preparar para o vestibular. Assim que entrou nessa escola fez uma seleção para bolsistas, na qual obteve aprovação. A seleção era para ser auxiliar de sala e ficar na coordenação da educação infantil pelo valor da mensalidade, e considerando que gostava de estar em uma sala de aula, Ana afirmou que se realizou.

Ana relata que trabalhar e estudar não a atrapalhou, as notas continuaram boas. Fez deste ambiente uma extensão do seu lar como descreve:

A escola era muito distante. Então eu almoçava lá e voltava pra escola. Fazia específica para o vestibular e só chegava em casa umas 9 da noite. Só para dormir mesmo. Foi uma época em que eu mal via os meus pais. Eu não tinha nascido em berço de ouro e aquela era a minha oportunidade de “virar gente” e ainda bem que deu certo. [...] queria entrar na faculdade.

Vale ressaltar a consciência de Ana sobre sua vida, ela sabia que precisava estudar para “virar gente”, como relata. Com isso, viu seu ingresso na faculdade como uma oportunidade que não poderia perder e menciona a importância do ensino superior hoje em dia “está cada vez mais difícil conseguir um bom emprego, sem qualificação ou formação, pois o mundo do trabalho está mais exigente”. No que concerne à qualificação profissional e a sua práxis pedagógica, Ana destaca a importância da formação continuada na prática docente (MORORÓ, 2017). Diante disso, a professora entrevistada ainda informa que para quem busca uma ascensão na vida, tanto pessoal, quanto profissional, faz-se necessário estar sempre se atualizando e estudando, se preparando para as mudanças eminentes.





A escolha do curso, primeiramente, foi por meio das provas específicas para o vestibular que Ana mais se identificava, no caso, eram história, geografia e português. Na Universidade Federal do Ceará - UFC tentou Publicidade, não passou. Já na UECE, as opções eram História, Letras ou Pedagogia. Após decidir por Pedagogia, Ana relata:

6

Com a Pedagogia, nós temos o estudo da educação e não, necessariamente, você tem que ir para uma sala de aula. Hoje a gente sabe que muita gente não quer e nem tem jeito para uma sala de aula. No meu caso, se eu não estiver em sala de aula, vai ser uma pedagoga se perdendo. Porque eu não sou uma pedagoga pesquisadora, eu não sou aquela que senta para ler, para escrever. Eu gosto da prática, eu gosto de dar aula. É claro que sempre tenho que me preparar pra isso, estudar, escrever e não quero “emburrecer”.

Esse pensamento de Ana é importante, pois demonstra consciência de sua parte na articulação da teoria e prática e da reflexão sobre a ação (JARDILINO, SAMPAIO, 2019), bem como de procurar se atualizar, apesar de não se considerar pesquisadora. Freire (2001, p. 11) corrobora esse pensamento quando nos diz que: “Pensar a prática enquanto a melhor maneira de aperfeiçoar a prática. Pensar a prática através de que se vai reconhecendo a teoria nela embutida”.

Em 2000, ao entrar na UECE, logo no primeiro semestre, Ana fez uma seleção para monitora do Colégio 7 de Setembro para trabalhar no sistema de tempo integral. Seria apenas um período, mas quando estava no segundo semestre foi contratada como professora regente.

Ana era muito cobrada na escola, pois tinha que fazer relatórios, planejamentos e ainda estudava a noite. Aos sábados a escola oferecia grupo de estudos com professores de outros lugares. Foi algo que ajudou muito na formação de Ana e ela agradece muito, pois aprendeu bastante nesses momentos. Podemos inferir que a escola procurava investir nesses momentos de formação para possibilitar um aperfeiçoamento da práxis pedagógica dos professores (GENÚ, 2018). Em relação às suas aulas, Ana diz:

Quando eu faço alguma atividade que não utilize cadernos, eles chegam perguntando: “tia tu não vai dar aula hoje não?” Então eles já chegam de certa forma com um vício, de que aula é só encher a lousa. E não é a gente sabe que





essas vivências são enriquecedoras. É preciso receber a comunidade, fazer com que o aluno entenda o porquê dele estar na escola, tem que fazer sentido pra ele, não é porque ele precisa tirar um 6 para passar. “Uma coisa que você ensina brincando ele não esquece nunca”. Mas quando eu termino de ler um texto e pergunto o que eles entenderam, não sai nada. Porque se torna uma coisa tão distante? Acho que temos que rever o material, tem que ter significativo. Tem que ensinar dentro da realidade do aluno. Nós professoras é que sabemos o que temos que ver e como temos que ver durante o ano. O professor tem que ser mais ouvido.

Sobre a fala de Ana, Genú (2018, p. 68) assevera

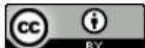
O processo do ensinar-aprender é coletivo, em que os sujeitos envolvidos são partícipes e dialógicos a respeito das situações vividas e experiências de saberes articuladas com o conhecimento sistematizado, para a construção de conhecimento significativo [...]

Ana lecionou durante oito anos em uma escola privada e há oito anos atua no município como professora polivalente na Educação Básica. Decidiu fazer o concurso devido à estabilidade. Enquanto era professora substituta conseguiu conciliar as duas escolas. Ficava de manhã na instituição particular, e no município, tarde e noite. Passou apenas três meses como substituta. Durante a noite ficou com uma turma de Educação de Jovens e Adultos - EJA, e relata: “era uma turma muito boa, queriam aprender, então eu amei o “mundo público””. Sobre suas primeiras experiências no “mundo público”, discorre:

A minha turma da tarde era 5º ano, e era uma turma difícil. Mas, quando eu passei no concurso e continuei com 5º ano, já era outra realidade, porque eram alunos na faixa etária de 10 anos. Aí foi que eu gostei mesmo. Fiquei por 15 dias numa sala de 1º ano, fiquei muito assustada. Eram alunos complicados. Eles não ouviam histórias, não brincavam com massinha, era muito desregrado. Nesse tempo eu chegava chorando em casa. Isso nunca tinha acontecido. Depois abri a vaga para o 5º ano e eu fui.

Sobre sua profissão, Ana fala com muita propriedade e certeza do que quer para sua vida e comenta:

No dia que eu não quiser mais estar aqui, eu boto meu currículo embaixo do braço e vou entregando nas escolas. Se alguém estiver precisando. Eu só sei ser professora. Dizem que eu sou muito segura e eu respondo: “Claro”! Eu sou a melhor professora que conheço. A minha aula é ótima!”.





A partir desse relato, percebemos seu encanto pela profissão, apesar das dificuldades, ela os encara com muita vontade de querer fazer a mudança. A entrevistada demonstra muita segurança quando fala da sua experiência, pois sabe que é isso que ela quer para a sua vida e é isso que ela sabe fazer. Em relação à experiência profissional nas instituições pública e privada, Ana relata que as principais diferenças estão relacionadas à organização:

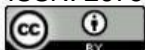
As coisas do ensino privado são amarradas. Você sabe tudo que vai acontecer até dezembro. Os projetos, as metas, etc. Já no ensino público, as coisas são desorganizadas, quando querem algo é pra “ontem”. Eles pedem um instrumental de cada aluno, tipo boletim, é muita coisa e, por exemplo, chega hoje e eles querem que eu preencha tudo para amanhã. Já em uma escola particular, por exemplo, você vai entregar um recadinho, todo mundo lê antes. Se todo mundo tiver entendido, tá tudo certo. Porque existe um planejamento. Não é só uma cabeça quem manda. Não tem porquê o ensino público não está igual ou melhor que o particular, porque nós temos diretora, vice diretora, coordenadoras, enfim, eu não sei o que acontece. Claro que existe a diferença do material, da estrutura, enfim.

Para exercer sua prática docente destaca que sempre teve muita autonomia e reitera a importância da autonomia do trabalho docente (BEGO, 2016). “Claro que no público, tem menos gente lhe espionando. Na particular tem sempre alguém no corredor. São muitos olhos”. Segundo Azanha (1993), o conceito de autonomia só ganha importância se significar comprometimento e liberdade para a realização da tarefa educativa.

Considera que sempre foi muito acolhedora, mas trabalhando a autonomia da criança. Nunca recebeu nenhuma reclamação de pais e diz: “Nunca fui escrava de aluno, tinha aluno que dizia: eu que pago seu salário!”. E Ana afirmava que “não era besta”, pois havia muitas professoras que eram submissas às crianças e compara mais uma vez as instituições privada e pública, respectivamente “Lá a gente tinha material para fazer experiências, para fazer uma aula diferente. Aqui, os recursos são mais escassos. São pequenas coisas que fazem a diferença na nossa prática pedagógica”.

Sobre os desafios que encontra na sala de aula, comenta:

Os maiores desafios estão relacionados à indisciplina, a falta de respeito, as regras. O aluno da escola pública vem desregrado de casa. Tem a questão da

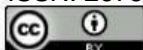




violência, claro que na escola particular também tem. Não estou generalizando, mas a gente sabe que é assim. Mas, o aluno da particular senta e conversa, brinca, lancha. Na hora do lanche, por exemplo, na particular todos comem o seu, sentados, enfim. Já na pública a hora do lanche é um jogando na cara do outro, estragando, sujando. E quando ele volta pra sala de aula, não respeita o tempo. Acha que beber água e ir ao banheiro é a hora que eles querem. Eles são sem limites! Lá na particular, eu impunha limites. Até porque eles eram crianças menores, mas eu presenciava o recreio dos maiores e não era assim. Nunca presenciei uma cena de agressão entre eles e nem desperdiçando o lanche.

De acordo com o relato de Ana a educação é um problema de base, do acompanhamento e orientação da família. Compara relatando que na escola particular está se pagando muito caro, logo há a exigência do aprender e, consecutivamente, passar de ano. Já na escola pública não há tamanha cobrança, ao contrário, constata-se descaso. Ana exemplifica narrando um diálogo: “a professora chega e diz: Olha, seu filho não sabe ler! Os pais respondem: pois é tia, esse menino não sabe de nada”. A exemplificação constata a reduzida preocupação e o eminente conformismo com o fracasso escolar (PEREIRA; RIBEIRO, 2017). Ana acredita que se houvesse cobrança familiar e valorização do ensino iria repercutir em maior avanço do ensino. No geral, as maiores dificuldades relatadas por Ana na escola pública são: falta de apoio da família e falta de regras.

Por fim, Ana afirma interesse e disposição para colaborar com a formação de seus alunos principalmente no tocante a formação de caráter, de valores, criticidade sensibilizando para a bondade e desenvolvimento moral (LIMA; SANTOS, 2018). Pois espera que eles não se deixem levar pelas opções aparentemente mais fáceis enveredando por escolhas inadequadas ou conflitantes com a lei (FIALHO, 2015). Os jovens constantemente são desestimulados a prosseguir com a educação formal pela falta de perspectiva futura e Ana quer fazer a diferença, quer convencê-los de que por intermédio dos estudos eles podem progredir socialmente e financeiramente. Ana relata que sua formação foi muito baseada no amor, o que impulsionou a vontade que ela tem de fazer a diferença na vida de seus alunos, independentemente da idade, seja criança ou adulto.





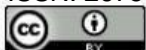
Pra mim nossa formação de professor é contínua, é toda hora, é quando minha aluna chega e me conta algo que vai mudar minha maneira de pensar, quando encontro com pessoas, que tem anos de salas de aula, de projetos, então tudo isso vou agregando à minha formação, especialmente a minha formação como ser humano. Acho que se eu não tivesse recebido tanto amor dos meus professores, dos meus pais, hoje talvez, eu não conseguisse dar amor aos meus alunos. E acho que temos que estudar, temos que ir atrás, temos que participar, porque a educação é mutável demais. A gente sabe que o adolescente de hoje não é o adolescente de dez anos atrás e nem o de amanhã. Temos que caminhar juntos.

Por fim, Ana acredita que a formação do professor deve ser contínua e o curso de graduação tem que melhorar, pois ainda deixa muito a desejar no sentido da práxis. Ainda é focado muito na teoria, deixando a prática apenas para o estágio, já no fim do curso. Ana não concebe a ideia de formar um pedagogo apenas com teoria, sem que este tenha vivenciado a prática, para ela é algo fundamental, principalmente no que concerne aos alunos e ao âmbito escolar, que são mutáveis.

4 Considerações finais

Procuramos, neste artigo, compreender melhor algumas questões no tocante à docência, especialmente, em relação ao ensino público e privado, experiência vivenciada por Ana, uma professora comum nesse ambiente, e buscamos refletir algumas das diversas nuances que perpassam discussões acerca dessa temática.

Como proposto, procuramos compreender quais as divergências e congruências da atuação no magistério em instituições particular e pública de ensino vivenciada por Ana, e por intermédio do relato de história oral dessa professora, constatou-se que existem muitas dificuldades e diferenças entre ambas as instituições, porém o desafio do professor continua sendo o mesmo, instigar o aluno, articular teoria e prática de uma forma reflexiva e significativa, fazer, principalmente, com que o aluno veja sentido no conteúdo trabalhado. Além disso, constatou-se também que desde sua infância a vida docente sempre esteve muito presente ao seu redor, o que a influenciou a seguir nesta carreira.





Por fim, esse estudo não objetiva generalizar uma realidade, mas sim proporcionar reflexões e debates acerca da formação docente e da práxis pedagógica em uma perspectiva microssocial de uma professora, possibilitando ampliar a compreensão das referidas temáticas e incentivar novos debates.

Referências

AZANHA, J.M.P. **Autonomia da Escola: um Reexame** – Série Ideias, 16, Governo do Estado de São Paulo, 1993.

BEGO, A. Políticas públicas e formação de professores sob a perspectiva da racionalidade comunicativa: da ingerência tecnocrata à construção da autonomia profissional. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/98> Acesso em: 11 dez. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

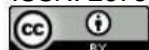
FIALHO, Lia Machado Fiuza. **A vida de jovens infratores privados de liberdade**. Fortaleza: UFC, 2015.

GENÚ, M. A abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 3, p. 55-70, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/856>. Acesso em: 13 de dez. 2018

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JARDILINO, J. R.; SAMPAIO, A. M. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 180-194, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/848>. Acesso em: 10 jan. 2019.

JUNGES, F. C.; KETZER, C.; OLIVEIRA, V. M. Formação continuada de professores: Saberes ressignificados e práticas docentes transformadas. **Educação & Formação**,





Fortaleza, v. 3, n. 3, p. 88-101, 2018. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/858>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LIMA, J.; SANTOS, G. Valores, educación preescolar y desarrollo moral: concepciones de docentes. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 153-170, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/275> Acesso em: 08 dez. 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORORÓ, L. A influência da formação continuada na prática docente. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 36-51, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/122>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PADILHA, Paulo Roberto. **Pedagogia do Encontro: relações interculturais na escola**. Tese de doutoramento (em andamento) (São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1999-2002).

PEREIRA, A.; RIBEIRO, C. S. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 95-110, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/138>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SOUSA, E.; MARQUES, E. O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela docência. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 82-96, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/841>. Acesso em: 11 jan. 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

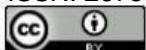
ⁱ **Scarlett O'hara Costa Carvalho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0381-0063>

Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual do Ceará. Centro de Educação. Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Especialista em Docência no Ensino Superior (UCAM) e Graduada em Pedagogia (UECE).

Contribuição de autoria: realizou a escrita, a metodologia, coleta de dados, resultados e discussões.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8430627119122404>

E-mail: scarlettoharacc@gmail.com





Editora responsável: Cristine Brandenburg

13

Como citar este artigo (ABNT):

CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. Formação Docente e Práxis Pedagógica: narrativa de uma professora. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3602>

